



Documentos

Livres pela graça de Deus – Somos plenamente livres quando nossas irmãs (e nossos irmãos) não o são? Nossa liberação nos une a todas e todos, e é um dom de Deus¹

Free by the grace of God – Are we fully free when our sisters (and our brothers) are not? Our liberation unites us all, and it is a gift of God

“Já não há judio nem grego; não há escravo nem liberto; não há homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.” (Gálatas 3:28)

I. Celebramos que pelo batismo sejamos livres pela graça de Deus.

1) As mulheres nem sempre experimentaram essa graça libertadora por causa das nossas experiências de violência e participação limitada na igreja e na sociedade. Nossa experiência de sermos livres pela graça de Deus vê-se obstaculizada. Reclamamos a erradicação da violência e a total participação da mulher na igreja e na sociedade.

2) Festejamos a tradição teológica luterana, assim como aos homens e mulheres que perpetuaram essa tradição ao longo de 500 anos. Celebramos o fato de que as mulheres teologizem, formal e informalmente, e que a igreja se veja enriquecida com nossas perspectivas por meio da pregação, a publicação, o ensino, a organização e o diálogo. O que todas e todos precisamos é a justiça de gênero que está arraigada numa adequada interpretação bíblica e a verdadeira pregação do evangelho. A verdade do evangelho, revelada por meio da hermenêutica luterana, fala contra a injustiça de gênero. “Eu vim para que tenham vidas, e para que a tenham em abundância.” (João 10:10)

¹ CARTA da Federação Luterana Mundial na Namíbia. In: *Orden del Día – Duodécima Asamblea de la FLM*. Documento 5.2.1. Windhoek, Namíbia, 10 – 16 de mayo de 2017. Traduzido por Zarai Gonzalia Polanco. E-mail: zaraigonzaia@gmail.com.



3) Chamamos as igrejas membro e a comunhão a se centrar claramente na missão holística, o que inclui pregar o evangelho salvador de Jesus Cristo a toda a humanidade e procurar a justiça e a dignidade para todas e todos, *porque a salvação não está à venda*.

4) Por isso, chamamos as igrejas membro e a comunhão a confrontar questões críticas sem que importe ou controvertidas que sejam, inclusive leituras sensíveis ao gênero e o uso da hermenêutica bíblica atrelada ao poder.

5) Chamamos a Assembleia a reconhecer que todas e todos vivemos em sociedades patriarcais. Chamamos a mulheres e homes a reconhecer que existe a necessidade de novos papéis de gênero e masculinidades, reconhecendo que o patriarcado e a problemática de gênero nos afetam a todos e todas.

II. Festejamos os 500 anos de participação do movimento luterano na sociedade.

6) A igreja deveria defender os direitos humanos para todas e todos. Em cada contexto há leis e práticas que afetam a meninas e mulheres, entre outras: as leis de herança, o casamento cedo, a mutilação genital feminina, o homicídio de gênero, o estupro e as práticas do dote. Além disso, em muitos países, refugiados e refugiadas são particularmente vulneráveis à violência e discriminação. A igreja deveria abordar estas injustiças dando particular atenção nas formas em que a raça, a classe e a etnicidade aumentam as injustiças *porque os seres humanos não estão à venda*.

7) Pedimos às igrejas membro e à comunhão que fortaleçam os relacionamentos ecumênicos e inter-religiosos para procurar a unidade cristã e criar pontes no nosso mundo profundamente dividido.

III. Festejamos contar com uma Política de Justiça de Gênero e que já esteja disponível em 22 idiomas! Elogiamos as numerosas igrejas que, além de se inspirar nos princípios, métodos e práticas que contém, os estão pondo em prática.

8) Chamamos ao Conselho da FLM a corrigir a constituição da FLM para manter o compromisso com a justiça de gênero e especificamente com a política de justiça de gênero. Pedimos a todos e todas as e os participantes na assembleia, o conselho e a liderança das igrejas membro, que estudem e usem esta política, visando sua implementação contextual em todas as igrejas membro. É preciso que as e os líderes da comunhão tenham um plano de uso que inclua traduzi-la pelo menos num idioma local de cada igreja membro e chamar a mulheres e homens de toda a comunhão a estudá-la.

9) Pedimos ao secretario geral que persista no seguimento da execução da política de justiça de gênero, o que inclui examinar o avanço alcançado até agora e a concessão de pessoal e verbas para apoiar oportunidades e dinheiro para mais cursos e oficinas que permitam participar na política de justiça de gênero. Recomendamos uma auditoria de gênero no escritório da Comunhão da FLM.

IV Reconhecemos e festejamos a liderança da mulher na igreja.

10) Reconhecemos que ainda não temos alcançado a plena capacidade de liderança da mulher na igreja. Desejamos ver na comunhão uma liderança que represente a mulheres e homens. Requeremos que as mulheres tenham a liberdade de estudar, agir e dirigir, assim como mudanças estruturais para criar espaços de liderança feminina. Pedimos a plena participação da mulher nos espaços decisórios e que a FLM examine as estruturas e os processos que impedem a liderança da mulher, assim como oportunidades de servir como secretária geral e presidenta. Encorajamos as mulheres a buscar colocações de liderança.

11) Chamamos as igrejas membro a implementar iniciativas intencionais para evitar o *tokenismo* e fortalecer as mulheres, assim como sua plena participação na liderança e na tomada de decisões. Pedimos que em todas as estruturas da comunhão e nas igrejas membro se abordem as estruturas da igreja, com o propósito de criar práticas ótimas para eleger os e as líderes mais qualificadas. As igrejas membro deveriam adotar o sistema de taxas 40/40/20 da FLM em sínodos, conselhos da igreja, etc.

12) Precisamos de educação teológica contínua como lideranças ordenadas e laicas

13) A apresentação dos informes das pré-assembleias das mulheres e de jovens devem ter um tempo separado e privilégios na ordem do dia da assembleia.

14) Pedimos que em toda a comunhão se promova uma conversa sobre liderança e poder. Por exemplo, nós experimentamos um abuso de poder baseado em considerações de gênero quando em reuniões e assembleias da FLM, alguns homens optam por não participar quando é uma mulher que preside ou prega.

15) Chamamos a renovar o compromisso de superar a pobreza e a injustiça econômica mediante a emancipação da mulher.

16) As redes de mulheres devem ser fortalecidas.



V. Lembramos o conceito liberador que tinha Martín Lutero do ministério como serviço: “Por tanto, todos os que somos cristãos somos também sacerdotes. Os que se chamam sacerdotes são servidores eleitos de entre nós para que em tudo ajam em nome nosso. O sacerdócio, além, não é mais do que um ministério...”² Celebramos que 82% de igrejas membro da FLM ordenem mulheres. Celebramos e aplaudimos que homens e mulheres continuem trabalhando para lograr a plena presença da mulher no ministério ordenado.

17) Pelo batismo, nós, as mulheres, fazemos parte plenamente da igreja. Somos livres pela graça de Deus e como tais, devemos responder à graça de Deus em todas as esferas dos ministérios divinos. Exigimos o que já é nosso: o chamado de Deus a nós.

18) Pedimos às igrejas membro que ainda não ordenam mulheres, que estejam em diálogo e associação com aquelas que recentemente decidiram fazê-lo. Pedimos que o Escritório da Comunhão da FLM ofereça uma plataforma. Também pedimos o compromisso constante e a reafirmação nesta Décima Segunda Assembleia do caminho compartilhado com as mulheres no ministério ordenado. Solicitamos às igrejas membro que cessaram de ordenar mulheres que estabeleçam um processo e uma agenda para reconsiderar essa decisão.

VI. Celebramos a participação da mulher na educação teológica e a teologia desde a perspectiva de gênero. Reclamamos oportunidades de educação teológica para que as mulheres ensinem e liderem. Pedimos que os planos de estudo de teologia incorporem cursos de justiça de gênero e o futuro desenvolvimento de uma teologia de gênero, justa e interseccional.

19) Reclamamos a igualdade de acesso de homens e mulheres na educação teológica, além de oportunidades de servir uma vez concluída. Pedimos que se adquira o compromisso de não usar as mulheres como amostras na educação teológica nem com fins de arrecadação de fundos, mas sim de apreciar os dons que aportam as igrejas. As bolsas deviam ser outorgadas em função dos méritos e não da aprovação dos bispos. Às vezes, as mulheres precisam de horários flexíveis para participar de seminários e, aqueles cuja educação teológica não é equitativa a respeito dos homens, tem que aperfeiçoar seus conhecimentos. Na educação teológica, muitas mulheres sofrem do isolamento ideológico porque os homens dominam as estruturas; daí a necessidade de contar com estruturas que apoiem a mulher na educação teológica. Recomendamos que as WICAS fortaleçam os esforços nesse sentido.

² La cautividad babilónica de la iglesia, Martín Lutero, 1520.



VII. Reconhecemos que muitas igrejas membro condenam a violência. Não obstante, há sérios problemas não só em nossos contextos sociais, mas também em nossas próprias igrejas. Estamos cientes e experimentamos o abuso generalizado na igreja. Homens do clero abusam de mulheres do clero; homens das congregações abusam de mulheres e meninas na igreja e, às vezes, os líderes religiosos se negam a abordar os problemas. Deve-se por fim à violência doméstica. Também reclamamos que se coloque fim à perseguição e à violência sexual em todas as estruturas da igreja, onde as mulheres são obrigadas a manter relações sexuais, a fim de poder desempenhar papéis de liderança. Chamamos a todos os líderes das igrejas membro a deter essa classe de tráfico das mulheres líderes porque os seres humanos não estão à venda. Chamamos as igrejas membro a confrontar todas as formas de tráfico de seres humanos na sua comunidade. Cultura, tradição e teologia se usam para impedir que as mulheres falem sem reservas, sejam escutadas e se exijam responsabilidades aos autores. Condenamos todo uso indevido do poder, pois a igreja deveria ser um espaço seguro. Cada igreja deveria estabelecer e aplicar um código de conduta. Uma vez por ano, os líderes da igreja deveriam assistir a um seminário sobre código de conduta, oferecido por profissionais nesse campo, para aprender a responder e prevenir a violência de gênero. Alentamos as igrejas membro a participar da campanha “Quinta de negro” como símbolo de solidariedade para um mundo sem violência.

Celebramos as mulheres do mundo inteiro que estão no caminho de Wittenberg a Windhoek e além. Agradecemos o trabalho duro e os desafios inspiradores assumidos pela oficina WICAS da FLM, particularmente no que se refere à formulação da Política de Justiça de Gênero e o seguimento de sua implementação. Damos graças a Deus pela sabedoria, a valentia e a força ao longo desse caminho. Somos mulheres livres pela graça de Deus. Somos mulheres no caminho e somos muitas!